



Berardo, a banca e o perdão dos poderosos: o velho teatro português da impunidade

Publicado em 2026-04-01 16:07:28



BOX DE FACTOS

O que foi revelado: segundo investigação publicada pela revista **Sábado**, escutas do processo Joe Berardo mostram que responsáveis do BCP e do Novo Banco estariam disponíveis para aceitar um perdão de mais de metade de uma dívida próxima de mil milhões de euros.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O pano de fundo: CGD, BCP e Novo Banco avançaram em 2019 para tribunal para recuperar cerca de 980 milhões de euros ligados a Joe Berardo, num dos maiores símbolos da degradação moral da banca portuguesa.

A tese: em Portugal, a máquina do Estado aperta o cidadão comum com disciplina de ferro, mas diante dos grandes protegidos prefere a negociação, a diluição e a névoa.



velho teatro português da impunidade

Há notícias que não são apenas notícias. São autópsias morais de um regime. E esta, saída do pântano elegante da alta finança portuguesa, não fala só de dívida, bancos e escutas: fala de um País onde os pequenos pagam cedo e os grandes negociam sempre.

Portugal tem uma estranha vocação para o simulacro institucional. Apresenta-se de fato e gravata, cita a democracia, invoca a prudência, adora relatórios e comissões, mas quando se levanta a cortina aparecem sempre os mesmos actores: bancos que emprestam sem prudência, administradores que falham sem vergonha e redes de influência que transformam prejuízos colossais em assuntos tecnicamente nebulosos. O caso Joe Berardo volta a expor esse teatro. E o problema não é apenas jurídico. É moral. É civilizacional. É português, no pior sentido da palavra.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

metade da dívida de Joe Berardo, num valor global próximo de mil milhões de euros. A mesma investigação refere ainda que a Polícia Judiciária descreveu suspeitas de gestão danosa na Caixa Geral de Depósitos, sem que dessa matéria tivessem resultado acusações. Não se trata, portanto, de uma mera polémica de bastidores. Trata-se de um retrato feroz da elasticidade moral reservada às elites do crédito e do poder.

Este episódio torna-se ainda mais grave porque não aparece do nada. Em 2019, CGD, BCP e Novo Banco avançaram judicialmente para recuperar cerca de 980 milhões de euros ligados a Joe Berardo. O valor foi então noticiado pela RTP e retomado em coberturas internacionais. Em 2021, a Reuters recordava que Berardo acumulava perto de mil milhões de euros de dívida a três bancos portugueses e que tinha sido alvo de investigação por suspeitas relacionadas com fraude fiscal e outros crimes económicos. O que hoje emerge não contradiz esse passado: completa-o. Acrescenta-lhe a matéria mais corrosiva de todas — a suspeita de indulgência estratégica dentro do próprio sistema.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

É aqui que o caso deixa de ser apenas o caso Portugal. Ele converte-se num espelho nacional. O cidadão comum que falha uma prestação, uma renda ou uma obrigação fiscal sabe bem o que o espera: notificações, juros, penhoras, automatismos, frieza administrativa. Não há escuta benigna, nem corredor acolhedor, nem conversa de cavalheiros. Há máquina. Há cobrança. Há castigo. Já no topo da pirâmide, num mundo onde circulam grandes dívidas, grandes apelidos e grandes relações, a música muda. Fala-se em reestruturação, em engenharia financeira, em prudência negocial, em soluções de equilíbrio. A língua do regime é sempre mais doce quando o devedor chega de sapatos caros.

Esse é o veneno político mais profundo deste caso. Não é apenas a possibilidade de terem existido propostas ou disposições para perdoar parte gigantesca de uma dívida. É a sensação de que existe uma justiça atmosférica para as elites e outra, de betão, para o resto do povo. E quando essa percepção se instala, a confiança no sistema não diminui apenas: apodrece.

A Caixa não é apenas um banco. É Estado

A gravidade sobe ainda mais quando se entra no capítulo da Caixa Geral de Depósitos. A Caixa não é um actor privado qualquer perdido no casino do capitalismo tardio. É banco

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

que, no fim da cadeia, é sempre ele quem segura o mundo com o corpo.

Foi essa dimensão pública que transformou a audição parlamentar de Joe Berardo, em 2019, num momento grotesco da vida nacional. O país viu, quase em tempo real, a distância obscena entre a linguagem da responsabilidade exigida ao povo e a plasticidade verbal de certos protagonistas quando chamados a responder perante o Parlamento. O Ministério Público anunciou então que iria analisar todas as matérias criminalmente relevantes resultantes dessa audição. O espectáculo foi revelador não apenas pelo que mostrou, mas pelo que normalizou: a ideia de que em Portugal se pode tocar nas muralhas do poder sem que elas verdadeiramente desabem.

O perfume enjoativo da banca portuguesa

O caso Berardo deve ser lido no contexto mais largo da banca portuguesa das últimas décadas: colapsos, resgates, imparidades, créditos ruinosos, redes de promiscuidade entre poder financeiro e influência política, e uma espantosa capacidade de socializar perdas com um ar técnico e neutro. O país habituou-se a este ritual. Perdeu-se dinheiro? Haverá um mecanismo. Falhou-se rotundamente? Fará parte do ajustamento. Enterraram-se centenas de milhões? O cidadão

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

universo com perplexidade. A Reuters enquadrou o volume da dívida e a acção judicial conjunta dos três bancos. A Euronews retomou o caso com dados idênticos sobre o passivo próximo de mil milhões de euros. Lá fora, a história foi lida como mais um sintoma de fragilidade sistémica e de captura parcial das instituições por dinâmicas oligárquicas. Cá dentro, continuamos a fingir surpresa, como se cada escândalo fosse uma nuvem sem genealogia.

Não é só corrupção. É cultura de casta

Há uma tentação confortável em reduzir tudo a corrupção penalmente demonstrada. Mas o drama português é mais profundo. O que corrói o País não é apenas o crime provado em tribunal. É a cultura de casta. A cultura em que certos nomes vivem rodeados por amortecedores. A cultura em que certas instituições hesitam mais quanto mais alto sobem na hierarquia social. A cultura em que o erro dos poderosos é descrito como complexidade, enquanto o erro dos fracos é descrito como culpa.

É por isso que este caso fere tanto. Porque o povo percebe, mesmo sem dominar a linguagem da banca, que há qualquer coisa de indecente nesta diferença de tratamento. Sente-a no corpo. Vê-a no salário curto, na prestação pesada, na repartição inflexível, no Estado expedito quando se trata

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O País onde o povo paga sempre a decadência das elites

No fundo, o caso Berardo resume uma doença antiga do regime português: a transformação da responsabilidade numa categoria social. Para os pequenos, ela é imediata, dura e concreta. Para os grandes, ela é diferida, sofisticada, nebulosa e por vezes quase poética. O povo é chamado à maturidade. As elites são tratadas com pedagogia compreensiva. A república severa existe sobretudo para os anónimos.

Uma democracia não se mede apenas por eleições, hinos e solenidades. Mede-se pela simetria moral com que trata os seus cidadãos diante da lei, do crédito, do risco e do fracasso. E é precisamente aí que Portugal tropeça demasiadas vezes. Não porque lhe falem códigos ou instituições, mas porque lhe sobra complacência hierárquica. O resultado é esta sensação de podridão elegante: tudo parece funcionar, mas por baixo há uma lama antiga, fina, persistente, onde os grandes deslizam sem cair e o povo afunda-se sem testemunhas.

Portugal não precisa de mais nevoeiro técnico. Precisa de claridade republicana. Precisa de escrutínio real. Precisa de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

inevitabilidade orçamental.

Referências

Publicações nacionais

1. **Sábado** — “Escutas revelam que banqueiros estavam dispostos a perdoar dívida a Berardo”, 31 de Março de 2026.

<https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/escutas-revelam-que-banqueiros-estavam-dispostos-a-perdoar-divida-a-berardo>

2. **RTP Arquivos** — “Dívida de Joe Berardo”, 8 de Abril de 2019.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/divida-de-joe-berardo/>

3. **RTP Arquivos** — “Processo contra Joe Berardo”, 8 de Abril de 2019.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/processo-contra-joe-berardo/>

4. **ECO** — “Ministério Público viu audição de Berardo sobre a CGD. Vai analisar ‘todas as questões criminalmente relevantes’”, 15 de Maio de 2019.

<https://eco.sapo.pt/2019/05/15/ministerio-publico-viu->

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

5. **Reuters** — “Portuguese millionaire art collector detained in tax fraud probe”, 29 de Junho de 2021.

<https://www.reuters.com/world/europe/portuguese-millionaire-art-collector-detained-tax-fraud-probe-2021-06-29/>

6. **Euronews** — “Portuguese millionaire art collector detained in tax fraud probe”, 29 de Junho de 2021.

<https://www.euronews.com/2021/06/29/us-portugal-police-berardo>

Frase a reter:

Em Portugal, a lei pesa toneladas para o pequeno devedor e flutua como névoa diante dos grandes protegidos.

Francisco Gonçalves — Co-autoria editorial com **Augustus Veritas** para o **Fragmentos do Caos**. Um texto contra o nevoeiro, contra a amnésia e contra a velha arte portuguesa de transformar privilégio em complexidade.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

lembrar, sem tréguas, quem fez do Estado um cofre privado e do povo português o eterno pagador da decadência alheia.


Ler o Livro : Do Trono à Cleptocracia

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)